

Entre boato e medo

Para os especialistas financeiros, três fatores podem explicar o aumento do nervosismo do mercado ontem. Um deles é a previsão de elevados pagamentos de dívidas no exterior de empresas brasileiras privadas neste e no próximo mês (*leia na página 19*). A quantia total ficará próxima de US\$ 4 bilhões, bem acima da média mensal de US\$ 1,2 bilhão dos primeiros meses do ano. Outro motivo é o boato, que surgiu na terça-feira, de que a agência de *rating* (risco) Standard & Poors estaria prestes a rebaixar a nota da dívida externa brasileira. Até agora, o rebaixamento não foi confirmado.

O terceiro fator que aumentou o mau humor dos investidores abateu o mercado na hora do almoço. O Banco Central fracassou na venda de papéis federais vinculados à variação do dólar. O governo quis rolar o pagamento de R\$ 1,25 bilhão de Notas do Tesouro Nacional, série D, de 19 de junho para 18 de dezembro. Como o mercado estava com os nervos à flor da pele, pediu juros mais altos do que o esperado pelo governo. A taxa normal ficaria entre 12,9% e 13% ao ano, mas o BC só conseguiu vender R\$ 825,5 milhões, a 13,22% anuais. "Esse resultado do leilão não foi visto como positivo pelos investidores", disse Sandra Utsumi, economista-chefe do Banco Espírito Santo Investimentos.

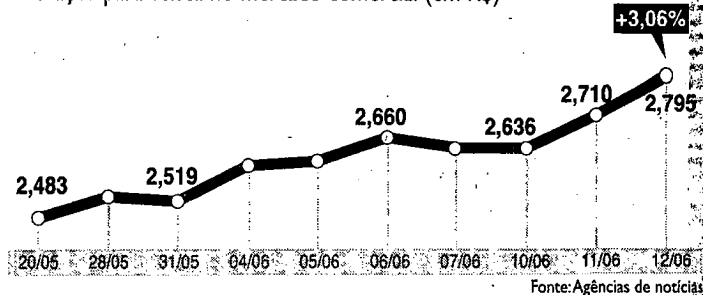
FOME POR DÓLARES

O resultado do leilão indicou que bancos e corretoras não querem mais papéis indexados ao dólar, que são usados para a proteção de ativos contra eventuais subidas do câmbio, mesmo os de curto prazo. Os bancos e fundos de investimento estão ávidos pela moeda norte-americana por duas razões: uma delas é que a aplicação seria mais adequada aos atuais momentos de turbulências financeiras. Não foi à toa, portanto, que o governo anunciou — e detalhará hoje — que sacará a linha de crédito disponível de US\$ 10 bilhões no Fundo Mone-

O MERCADO

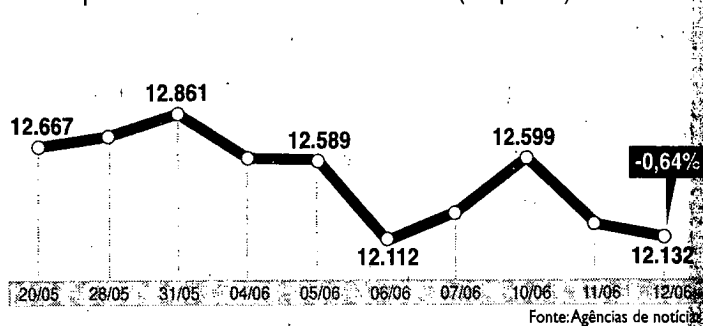
O DÓLAR SOBE

Cotação para venda no mercado comercial (em R\$)



A BOLSA CAI

Desempenho da Bolsa de Valores de São Paulo (em pontos)



tário Internacional (FMI). Desse total, US\$ 5,2 bilhões estão liberados para saque imediato.

O mercado também se ressentiu do excesso de títulos públicos indexados ao dólar, que se desvalorizaram nos últimos dois meses e provocaram perdas nos fundos de investimento financeiro, os FIFs. Quem possui tais papéis quer se livrar deles, pois teme aumentar com o prejuízo se o próximo presidente der o calote na dívida interna. O nervosismo do mercado jogou para baixo a cotação dos títulos da dívida externa, como o C-bond. Tal baixa fez com que bancos e corretoras cobrassem juros maiores para adquirir o papel no exterior. Esse rendimento é a diferença do valor desses títulos para papéis emitidos pelo tesouro dos Estados Unidos com vencimento semelhante.

A taxa subiu de 1.212 para 1.329 pontos e fechou em 1.297 pontos. Essa é a maior cotação desde 9 de março de 1999, época em que o Brasil passava por uma violenta crise cambial. Isso significa que os juros pularam de 12,1

para 12,9 pontos percentuais, acima do valor pago por títulos norte-americanos. A marca é a terceira pior do mundo, atrás da campeã Argentina e da Nigéria.

Na opinião de Sergio Werlang, do Banco Itaú, "não tem sentido nenhum o risco Brasil estar tão alto e isso está sendo provocado por erro do pessoal no exterior, que não entende nada de Brasil". Com números tão ruins, muitos investidores começaram a apostar na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) em São Paulo que os juros subirão nos próximos meses. Assim, a taxa anual para julho pulou de 18,3% da terça-feira para 20,3% ontem. Também subiram dois pontos percentuais as cotações de outubro e janeiro.

Como tais taxas ficaram bem acima do normal num único dia, foi acionado o limite de oscilações. Na prática, os negócios nesses contratos futuros são travados para que não rompam cotas máximas e mínimas, o que poderia quebrar os investidores. Há pelo menos um ano que esse mecanismo de segurança não entrava em operação.